

UMA ARQUITETURA ÉTICA PARA ABYA YALA

ARCHITECTURAL CONCEPTIONS FROM AN ETHICS POINT OF VIEW
FOR ABYA YALA

José Carlos Freitas Lemos

José Carlos possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1991), especialização em Ensino e Pesquisa na Arquitetura pelas Faculdades Integradas Ritter dos Reis (1995), especialização em Patrimônio Cultural, Conservação de Artefatos pela Universidade Federal de Pelotas (1996) mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000) e doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2010). Atualmente é Professor Associado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RESUMO

O texto pretende fazer uma crítica aos cinco séculos de modernidade ocidental, à sua racionalidade ética e à situação limite alcançada com a atual pandemia universal da COVID-19. A arquitetura latino-americana, principalmente a da contemporaneidade brasileira, será analisada como parte, como reflexo deste amplo e incrivelmente profundo movimento político produzido pela Europa em todo este tempo. Movimento que findou por nos constituir, impeliu milhões de pessoas a acreditarem e privilegiar verdades parciais abomináveis como racismo, machismo, capitalismo, e que diante dos últimos desvelamentos midiáticos globalizados parece nos apresentar a sua agonia.

Palavras-chave: colonialidade, modernidade, arquitetura, ética.

ABSTRACT

The text intends to criticize the five centuries of Western modernity, its ethical rationality and the extreme situation reached with the current universal pandemic of COVID-19. Latin American architecture, especially that of contemporary Brazil, will be analyzed as part, as a reflection of this broad and incredibly profound political movement produced by Europe in all this time. A movement that ended up constituting us, impelled millions of people to believe and privilege abominable partial truths such as racism, male chauvinism, capitalism, and which, in the face of the latest globalized media unveils, seems to present us with its agony.

Keywords: coloniality, modernity, architecture, ethics.

O INFERNO MODERNO

Foi provavelmente nas duas primeiras décadas do século XIV, quando apenas alguns indícios da Modernidade se anunciavam, que Dante Alighieri (1265 —1321) escreveu a sua impressionante “Commedia”, décadas mais tarde adjetivada como “Divina” por Giovanni Boccaccio (1313 —1375). Também é significativo para nós que vivemos a atual pandemia da COVID-19¹, que Boccaccio tenha vivido na época da disseminação de outra pandemia, na verdade a maior e mais devastadora que a história humana já registrou, a Peste Negra. Praga que lhe influenciou na escrita de outra célebre e incomparável obra-prima da literatura, “Il Decameron”², a história contada mediante uma centena de contos envolvendo um grupo de jovens rapazes e moças, abrigado numa vila isolada de

Florença que fugia da proliferação da doença. Hoje, setembro de 2020, considerando se ter alcançado uma população mundial de 8 bilhões de pessoas, nos preocupa a tragédia que nos fez atingir a marca de 1 milhão de mortes, o equivalente a 0,01% da população global. Em 1350, para uma população mundial de 475 milhões de pessoas, a Peste Negra, que não era devida a um vírus, mas uma bactéria³, matou de 75 a 200 milhões de pessoas. Ou seja, aquela doença com um pico aproximado de cinco anos entre as décadas de 1340 e 1350 matou o inacreditável percentual entre 30% a 60% da população de seu mundo conhecido, que englobava Europa, Ásia e África (a América ainda não fazia parte). Assustadora proporção na qual seis entre dez pessoas morreram...



Figura 1 - Bruegel, *O triunfo da morte* ⁴ (c. 1562).

É desconcertante que Dante tenha escrito alguns anos antes da praga o longo poema da *Commedia*, considerado um dos maiores clássicos da literatura universal, e que o terço mais famoso de sua trilogia seja justamente a sua descrição do inferno (os primeiros 33 cantos do primeiro terço da obra). A descrição tem um fortíssimo viés arquitetônico, lembrando uma Babel invertida, o

inferno em nove círculos concêntricos, cada um deles completamente detalhado. Intensa alegoria finalizada com a localidade de um lago congelado, o *Cocytus*⁵ onde traidores de mestres e de reis eram mantidos submersos em sofrimento, residência do próprio Lúcifer, o mais famoso dos anjos caídos. A forma latinizada *Cocytus* advém do grego *Kokytyos*, literalmente “lamentação”. Seria errada a relação

5 A Divina Comédia de Dante Alighieri envolve tradições gregas e católicas. *Cócito* ou *Kokytyos*, significa em grego literalmente “lamentação” (Κωκυτός). É o rio da lamentação no submundo na mitologia grega. Ele flui para o rio *Acheron*, do outro lado do qual está *Hades*, o submundo, a morada mitológica dos mortos. Existem cinco rios circundando *Hades*: o *Styx*, *Phlegethon*, *Lete*, *Acheron* e *Cocytus*.

1

Corona Virus Disease (COVID), com primeiros casos divulgados em 2019 (19).

2

Il Decameron, ou Decamerão, vocábulo com origem no grego antigo: *deca* – dez; *hemeron* – dias, jornadas. Coleção de cem novelas escritas por Giovanni Boccaccio entre 1348 e 1353.

3

É presumido que a bactéria *Yersinia pestis*, que resulta em várias formas de peste (septicêmica, pneumônica e, a mais comum, bubônica), tenha sido a causa da Peste Negra (1347-1351). BUSH & PEREZ, 2018. Durante muito tempo estudos apontaram para roedores e suas pulgas como as causas responsáveis pela transmissão da praga. Mas recentemente (2018), uma equipe das universidades de Oslo, na Noruega, e Ferrara, na Itália, modificou a tese, afirmando, na verdade pode ser “largamente atribuído a pulgas e piolhos humanos”. GILL, 2018.

4

Pieter Bruegel (c. 1525 – c. 1562), óleo sobre painel, 117 cm × 162 cm, Museu do Prado, Madri. Fonte da Ilustração: GODET, 2015.

6 Cócix. Do grego antigo κόκκυξ (kókkuks): cuco – referindo-se à forma curvada do bico do cuco.

7 Arquitecto que se dedicou a investigar os locais mencionados no Inferno da Divina Comédia de Dante. Fonte da Ilustração: Minerva Auctions, Finarte, 2018.

8 Trata-se da participação de Dussel num programa informativo mexicano acerca dos desdobramentos da crise do coronavírus. DUSSEL, 2020.

etimológica com o osso *cócix*⁶, reconhecido por habitar as proximidades do ânus. Mas a relação fonética é inevitável e a ideia do cu como a morada do diabo, a parte mais inferior, mais profunda do cone invertido do inferno é perfeita. A assustadora idealização de Dante afigura-se perturbadora antevisão dos séculos seguintes que aconteceriam sob o jugo, sob os grilhões da Modernidade europeia. Dante redige este instigante prenúncio dois séculos antes dos ibéricos se lançarem ao Atlântico.



Figura 2 - *Visão do Inferno*, 1506 (impresso). Antonio Manetti (1423-1497)⁷

O texto pretende ser de arquitetura. Dirigido à arquitetura como produto concreto e que acontece na cidade, mas também como matéria a ser ensinada, elemento pertencente a uma estratégia pedagógica. No entanto, é igualmente um texto atordoado, impregnado pela fúria ativa e reativa que advém da Modernidade. Que é derivada de sua primitiva e irrecusável natureza capitalista e competitiva (e muito anterior ao seu tempo liberal) e de sua exclusiva viabilização mediante a colonização de povos e lugares. Será analisado um amplo período, mas a arquitetura somente será alvo de crítica em seu período final, próximo de sua ocasião presente.

Dessa maneira, é necessário que façamos uma contextualização e um recorte cujo tom, em muito, será dado por Enrique Dussel, o filósofo argentino radi-

cado no México desde seu exílio forçado pela ditadura de seu país na década de 1970. E, de toda sua extensa e importante obra, chamaremos a atenção para aquilo que, em princípio, parece ser um descompromissado vídeo de YouTube⁸, mas no qual Dussel com grande simplicidade nos auxilia a perceber, mediante o que se configura finalmente como poderosa mensagem filosófica, o que foi e é esta Modernidade e qual o sentido de combatê-la e superá-la. O vídeo trata da importância da ética. A ética completamente relacionada com a crise do vírus.

Mas existe algo mais sério que é ligado a esta peste e a este presente artigo, a Modernidade. Pode-se dizer que seu ponto de partida aconteceu há cinco séculos, tendo como protagonista a sociedade europeia. Dussel relata que a Europa era uma cultura secundária sitiada pelo mundo árabe e otomano. Se encontrava fora da história. Era subdesenvolvida, perante a magnitude do mundo otomano e muçulmano que ia do Marrocos até as Filipinas. Uma cultura realmente universal. Entretanto, com a invasão das Américas, a Europa se abre ao mundo e as coisas mudam. Com a riqueza da América, passo a passo o capitalismo vai sendo gerado, sob forte condicionamento da ciência que se estabeleceu principalmente durante o Barroco, a partir do século XVII. Dessa maneira, a Modernidade capitalista e mercantilista se definiu como um sistema de pensamento econômico baseado na ciência. Logo Descartes define o ser humano como um “eu” que podia ou não ter um corpo. O ser humano como um anjo, uma alma relacionada com um corpo, concebido como uma máquina física, objeto da matemática. E a natureza como *res extensa*, algo com “extensão”, igualmente observada pela matemática e pela física. Nestas concepções, sob a estrita atenção “mercantilista” ficaram de lado as qualidades do ser humano e da natureza.

A Modernidade inicia sua escalada de domínio à natureza. A natureza como objeto a ser explorado pelo homem. O “eu” que domina para retirar vantagens econômicas, para alcançar maior riqueza. Contudo, assevera Dussel, todo este sistema moderno e capitalista foi fundado sobre um erro, uma concepção errônea, uma escolha equivocada. A natureza não é um objeto, a natureza é o todo dentro do qual o ser humano surgiu. O ser humano surgiu porque antes, há quatro bilhões de anos, surgiu a vida sobre a Terra na forma de bactérias, primeiras células e vírus. Tempo muito anterior aos dos tipos de células de animais e vegetais que conhecemos. O *homo sapiens*, o gênero que inclui o tipo humano que conhecemos hoje, tem 200 mil anos sobre a terra, 2.000 séculos. Como parâmetro de comparação toda a Modernidade tem aproximadamente 5 séculos.

Então, a Modernidade foi uma espécie de projeto. Um terrível projeto, meio sem piloto reconhecido,

pretensamente produzido por sociedades que se identificavam por serem de raça branca e europeias. E diante de suas façanhas foram necessárias escolhas, muitas vezes perversas. A esta escolha inicial errada de avaliar a natureza como objeto a ser explorado, cumulativamente se somaram muitos outros graves equívocos ao longo destes cinco séculos de Modernidade: todas as queimadas, os desflorestamentos, os extermínios de espécies animais e vegetais, os genocídios de populações humanas... a tal ponto que podemos chegar a destruir as condições de possibilidades da reprodução de própria vida na Terra. Todas estas questões pertencem ao campo da ética. E é este desequilíbrio fundamental com o qual o coronavírus nos confronta.

“Abya Yala!”, “Marielle presente!”, “I can’t breathe!”

Estas manifestações de milhões de pessoas no século XXI são ao mesmo tempo resíduos do tempo transcorrido da Modernidade e uma resposta a ela enquanto modelo de sobrevivência. Fragmentos de uma longa história, ecos de episódios sequenciais

que tornaram populações inteiras muitas vezes desesperançadas e abatidas, e muitas outras vezes indignadas e enfurecidas. Parecem desconexas, mas na verdade apontam resultados de um mesmo processo. São afunilamentos do gargalo de realidade em que nos encontramos, o contexto de humanidade na pandemia da COVID-19. Seus apupos são encarnações de três movimentos populares que iniciaram nas Américas, mas que, conduzidas pela força das redes sociais, reverberaram fortemente em outros locais do planeta. Estas mídias e redes sobrevenientes possibilitam a sua observação no exato momento em que acontecem e se encontram a revolucionar a comunicação e a informação. Contudo, se tornam cada vez mais pesadas, compõem um tecido infinitamente carregado, cotidianamente encharcado com o sangue e com a seiva de incontáveis seres humanos, espécies animais e vegetais extintas. Inferno quadro a quadro, em que absolutamente tudo é registrado em imagens fotográficas digitais que podemos acessar indiscriminadamente a qualquer momento.



Figura 3 - Caci que Jorginho Guajajara assassinado no Município de Arame, Amazônia maranhense. 2018.⁹

Muito mais que palavras de ordem, as expressões ditas em diferentes idiomas, *“Abya Yala!”*, *“Marielle presente!”* e *“I can’t breathe!”*, são clamores convulsionados, refletem o desespero proferido por milhões de indígenas, mulheres e negros que foram perseguidos, assassinados, descartados e esquecidos nos mais de cinco séculos sob a sombra da Modernidade. Significam *“basta!”* Não é mais possível suportar! Para numerosas gerações de pessoas a Modernidade não passou de um longo e muito real pesadelo.

Quando os colonizadores europeus chegaram trouxeram a morte para o continente americano. O colapso populacional entre as várias etnias de povos originários existentes em toda a extensão de

seu território atingiu o status de um *“holocausto americano”*. As estimativas são devastadoras. Só no primeiro século da colonização, as populações indígenas da América Latina tiveram quedas entre 90 e 95%. Neste século XVI, a América do Sul perdeu 75 milhões de seus habitantes. Exclusivamente na região do México morreram 9 milhões de pessoas¹⁰. A máquina, a indústria mercantilista, primeiro estágio tecnológico e econômico do capitalismo moderno, trucidou estes seres humanos em nome da exploração de riquezas. Em pouco mais de cem anos, a Modernidade capitalista varreu toda a exuberância cultural de infindáveis agenciamentos humanos que compunham o território americano.

9

Fonte da Ilustração:
BARROS, 2018.

10

FEDERICI, 2017, p. 167.

11 O povo kuna é originário do norte da Colômbia e hoje habita o território de Kuna Yala, no arquipélago de San Blas, no Panamá (PORTO-GONÇALVES, 2009).

12 Dessa maneira, de três grandes eventos chamados “Cúpula” ou “Cumbre Continental de los Pueblos y Nacionalidades Indígenas” surgiu a proposta de denominação de Abya Yala para o continente. O primeiro encontro, Teotihuacan (Cidade do México, 2000) ainda referiu América, mas desde o segundo, Quito (2004), usaram a nova referência. E, no terceiro, na Cidade da Guatemala (2007), constituíram uma permanente *Coordinación Continental de las Nacionalidades y Pueblos Indígenas de Abya Yala* que visava o: “(...) enlace e intercambio, donde puedan converger experiencias y propuestas, para que juntos enfrentemos las políticas de globalización neoliberal y luchemos por la liberación definitiva de nuestros pueblos hermanos, de la madre tierra, del territorio, del agua y de todo patrimonio natural para vivir bien. (PORTO-GONÇALVES, 2016).

13 Fonte da Ilustração: NERDAL, 2019.

14 FEDERICI, 2017b.

O significado de Abya Yala vem da língua do povo Kuna¹¹, quer dizer “terra madura”, “terra viva” ou “terra que floresce”. A intenção dos povos originários era retomar um protagonismo de enunciação, completamente silenciado desde a invasão do continente e o genocídio de suas gerações passadas pelos europeus no século XVI.¹² Hoje, passados pouco mais de dez anos da última “cúpula” de povos originários, verificamos o retorno da crueldade dirigida contra eles em toda a sua intensidade. Sua incipiente iniciativa política organizativa foi freada e a restituição de

sua dignidade mais uma vez postergada. Abya Yala volta a ser um sonho distante, afastada para um futuro incerto. Protagonizado pelo governo brasileiro, de 2017 a 2020 indígenas voltaram a ser chacinados (homens, mulheres, velhos e crianças) e expulsos de seus domínios por se encontrarem no caminho de negócios da sociedade moderna, capitalista e liberal constituída. Encontra-se em curso nova política genocida. Sob uma horripilante e novíssima máscara fascista, mais uma vez a Modernidade se esforça por sufocar o clamor já sem esperança dos povos originários.



Figura 4. *Protesto contra a morte de Marielle* (15/03/2018)¹³.

As mulheres têm uma história igualmente trágica neste transcorrer moderno. A historiadora italiana Silvia Federici escreveu em 2004 a magnífica obra “Calibã e a bruxa” onde traça uma enérgica e contundente crítica à Modernidade em seus primeiros séculos, comentando o vazio produzido por inúmeros autores predominantemente do sexo masculino que “apagaram” o feminino da história. Dessa maneira, corajosamente aponta lacunas em visões clássicas produzidas por ninguém menos que Karl Marx (1818–1883) e Michel Foucault (1926–

1984), estudiosos das maneiras de imposição do sistema moderno e capitalista sobre a sociedade e sobre os corpos. Nenhum analista da Modernidade deu o lugar central diagnosticado por Federici à caça às bruxas, como uma espécie de tecnologia crucial da Modernidade e do Capitalismo. Nas palavras de Federici

“Enquanto morriam nas fogueiras, queimava junto com elas a resistência ao incipiente capitalismo”.¹⁴



Figura 5. Protesto nos EUA contra a morte de George Floyd.¹⁵

Todo este tratamento discriminador auxiliou no suporte à hegemônica mentalidade machista e depreciativa da mulher. Do menosprezo dirigido a filhas mulheres ao direito de surrar a esposa, de colocá-la em seu devido lugar. Situação que mergulhou fundo na Modernidade e que chegou agravada aos nossos dias. No primeiro semestre de 2020, o Brasil teve 1.890 homicídios dolosos de mulheres, deste total, 631 foram feminicídios, assassinatos de ódio contra mulheres pelo simples fato de serem mulheres¹⁶. A expressão “Marielle presente” é parte de um movimento popular que faz alusão à execução assassina em março de 2018 da vereadora Marielle Franco do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) no Rio de Janeiro.

A exploração das populações negras e africanas como escravos nas terras colonizadas pelos europeus a partir do século XVI já é amplamente conhecida. Métodos brutais constituíram uma reputação mercantilista muito negativa,

duramente criticada inclusive entre economistas capitalistas da época que preferiam vender a ideia (liberal) de que o capitalismo promovia a liberdade e não a coerção¹⁷.

O sistema colonial, ao impor a escravidão como economia, instaurou os primórdios da história do *racismo*, componente corrosivo das sociedades contemporâneas. A ética que fizeram emergir daí, para justificar o que faziam com os escravizados, fundou o pensamento racista até hoje vigente. Assim como as violências contra os indígenas e contra as mulheres, os negros continuam vítimas do racismo e da fúria da sociedade branca, que continua a controlar a ordem nas cidades mediante a ações da política e da polícia. “*I can't breathe!*”, “*Eu não posso respirar!*”, diz respeito ao movimento de indignação e fúria que explodiu em maio de 2020, a partir de Minneapolis, por várias cidades norte-americanas e depois pelo mundo, como protesto contra o assassinato de mais um

15
Fonte da Ilustração:
SCOTT & NELSON, 2020.

16
VELASCO et al., 2020.

17
FEDERICI, 2017a, p. 172.

18 Com o histórico e espetacular êxito econômico/político da China, por exemplo, trazendo sua população e país para o principal desempenho no mundo deste início de século XXI, veremos quais outros desdobramentos acontecerão. São parte de etnias consideradas pelos brancos europeus e norte-americanos, como “orientais-amarelos”. Tal acontecimento é parte do choque presente da Modernidade europeia.

19 FARIZA & MONTES, 2019. Pobreza pode ser conceituada como a falta de recursos monetários para a aquisição de bens e serviços essenciais a uma vida “normal”. Miséria (ou extrema pobreza) seria a circunstância em que suas vítimas não dispõem de dinheiro sequer para adquirir uma quantidade mínima de alimentos e outras coisas essenciais à mera sobrevivência.

20 DELEUZE, 1991.

21 *Superjecto* é a designação que Deleuze dá ao sujeito da percepção barroca em Leibniz, com base em outro filósofo, Alfred North Whitehead (1861 – 1947). (Id., *ibid.*)

22 *Objetil* é a designação que Deleuze dá ao objeto complexo da percepção barroca que se relaciona com o *superjecto*. (Id., *ibid.*)

homem negro. A expressão alude as palavras de George Floyd, a vítima, que as gritou durante várias vezes enquanto foi asfixiado pelo joelho de um policial contra seu tronco e pescoço durante 9 minutos. A cena foi filmada por um espectador e viralizou na internet.

Todas estas exclamações tornam expostas antigas e sórdidas chagas sociais. A força, a energia contida na expressão berrada e em tom indignado e incontido, “*Eu não posso respirar!*” não é mensurável porque alude a um sentimento multissecular, algo que se arrasta por muito tempo como um indolente e descomunal arado da maquinaria moderna que sulca e rasga a urdidura das sociedades, separando as pessoas, enterrando e esmagando seus corpos e mentes.

CIDADES DO TERROR E DO MEDO

Este pensamento de pertencimento ao pensamento moderno subjaz coerentemente à sociedade e à cidade moderna desde a sua clara emergência no Barroco do século XVII. Cidade constituída por gente branca, feita para gente branca, e que se repete mediante heranças há centenas de gerações¹⁸. Refere uma sociedade do medo, de pessoas patrimonialistas, que guardam e protegem coisas, que têm suas casas, seus apartamentos, se vestem, se alimentam e têm água suficiente sem maiores esforços. Vivem assim, numa configuração de redoma, de claustro, de prisão da vida. Estas pessoas se visitam com dificuldade, viajam cheias de temor e ansiedade e dividem apenas entre seus iguais o uso de praças, parques, suntuosos edifícios públicos, de comércio e de serviços. Como sociedade reclusa é atenta ao exterior como instinto de proteção. Porque exclui pessoas diferentes delas e de suas famílias, enxota aquelas que lhe são estranhas para fora de seus ambientes de vida. Excluídos que são normalmente numerosos. Hoje, na América Latina, para uma população aproximada de 560 milhões de pessoas, a taxa geral de pobreza se encontra há alguns anos estável e um pouco acima de 30% (187 milhões de pessoas), mas deste percentual 1/3 (10% ou 62 milhões de pessoas) é de extrema pobreza e está aumentando¹⁹. Assim, dos muitos os que se encontram externos aos muros da cidade, uma quantidade razoável tem sua própria vida e de seus familiares comprometida por suas condições.

A cidade moderna foi sempre desigual, cenário de exclusões. Gilles Deleuze (1925 – 1995), numa de suas obras de mais difícil compreensão “A dobra: Leibniz e o Barroco” (1991)²⁰, produz uma contribuição gigantesca para a compreensão

da Modernidade em nosso momento presente. Acessa o pensamento complexo e matemático de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646 – 1716) ao analisar a “dobra” como característica do mundo e da percepção do sujeito barroco. A maneira com que Leibniz analisou e descreveu a percepção no homem barroco, mediante a análise de Deleuze, contribui diretamente para que compreendamos a emergência do pensamento moderno contemporâneo naquele momento em que viveu, o século XVII.

O grande *link* de Leibniz entre estas teorias dos séculos XV e XVI e as dos séculos XVIII e XIX foi o seu *insight* sobre a imanência das perspectivas cônica e paralela. O que ele fez foi produzir a explicação filosófico-geométrica desta ideia. Para isto literalmente ligou as duas teorias modernas, a primeira emergida no Renascimento, a perspectiva cônica, e a segunda em pleno momento de emergência, durante a sua vida no Barroco, a perspectiva paralela. A mensagem filosófica aí presente é que a perspectiva paralela é Deus, as perspectivas cônicas são as criaturas. Porque não somos capazes de enxergar conforme a perspectiva paralela, se trata de uma visão divina que captura todo o espaço infinito sempre com deformações idênticas. São imanentes porque tem em comum o fato de ambas serem pontos de vista. O ponto de vista de Deus e os pontos de vista das criaturas perpetuamente implicados um ao outro, imanentes um ao outro. No século XVII, o pensamento e o discurso moderno, mesmo intencionalmente científico, muitas vezes foi fortemente mesclado a questões divinas e religiosas. Resultou daquele pensamento que somos perspectivas cônicas imanentes à perspectiva paralela de Deus.

Mas Leibniz foi ainda mais longe. Para ele somos unidades *superjectos*²¹, pontos de vista, que são células de paredes fechadas, opacas (que chamava “mônadas”), revestidas por tabuleiros de informação. O sujeito não está aberto ao exterior. É um ponto de vista sem janelas. Está em comunicação com um tabuleiro de informação que lhe corresponde. Os dados do exterior são fornecidos mediante este tabuleiro. O mundo exterior somente existirá se o tabuleiro de informação concordar. Não é necessário abrir minha janela ao exterior, consulto acerca do *objetil*²² no tabuleiro de informação, na verdade o consulto em mim mesmo. Portanto, o *superjecto* consulta em si mesmo um tabuleiro de informação e não abre sua janela. Ser ponto de vista para Leibniz é ser tabuleiro de informação.

E, finalmente, o grande salto que nos interessa. Para Deleuze, com base em Leibniz, isto é a cidade. Porque para Leibniz, a cidade está sobre nossa cabeça. E é a cidade moderna como um cérebro monstruoso, ou seja, como um tabuleiro

de informação. Deleuze insiste várias vezes que Leibniz considerava que somos pontos de vista sobre a cidade. Ou seja, esta seria nossa relação com o mundo. O mundo barroco em que viviam, já uma cidade moderna, complexa, cheia de gente, construções, vias e circulações. Leibniz era tremendamente moderno. Então a relação que nós, sujeitos, superjectos, mantemos com a série infinita de transformações do mundo, seria como a visualização de uma mesma cidade representada de várias maneiras²³. Portanto, a grande contribuição de Deleuze é fazer ver que Leibniz descreve a percepção moderna contemporânea que emerge no barroco. A percepção protegida e reclusa de uma sociedade capitalista urbana, que tem medo do que há no exterior, tem medo do outro que pode lhe tirar coisas, inclusive a vida. Por isso coleta todas as informações necessárias no interior sob a forma de uma tábua de informações²⁴. Toda a parafernália filosófica e matemática implícita ao pensamento de Leibniz queria significar e comunicar isto, o medo do homem moderno que vivia na cidade barroca. É o mesmo medo que temos hoje.

Bruno Latour (1947 – ____) também nos ajuda a compreender esta emergência da cidade moderna via estabelecimento do pensamento e discurso no barroco. Em sua obra “Jamais fomos modernos” (1991)²⁵, Latour analisa e relaciona as práticas de dois pensadores e cientistas barrocos, Thomas Hobbes (1588 – 1679) e Robert Boyle (1627 – 1691), como “inventores” do mundo moderno. Como contribuição ao nosso texto, interessa comentar que Hobbes e Boyle, numa atitude completamente moderna e barroca, procuraram constituir de maneiras diferentes redomas protegidas de onde podiam olhar para os fenômenos da humanidade e da natureza. Hobbes, com seu método lógico com o qual cientificou a política, analisou distanciadamente as pessoas e o Estado, atemorizado pelo Leviatã das relações sociais. Por sua vez, Boyle, com seu método de observação de politizar a ciência (em que trazia personalidades para presenciar as experiências e endossar suas descobertas), reproduzia os fenômenos naturais

em laboratórios assépticos, longe dos riscos e do inusitado da natureza. Os dois, de maneiras diferentes, olharam o mundo rigorosamente mediante o ponto de vista retratado por Leibniz. Cada um deles foi uma célula de paredes fechadas, sujeitos que não estavam abertos ao exterior, pontos de vista sem janelas. Pertenceram à cidade moderna barroca emergente. Que já era uma cidade do medo. “O homem é o lobo do homem” dizia Hobbes.

Toda a Modernidade foi representativa desta cidade fraturada, tendo de um lado a vida comum que conhecemos pela história, e de outro a cidade suja, povoada por miseráveis e marginais²⁶. No final do período barroco, diante do desprezo e da abominação dirigidos pela sociedade de Dublin às crianças miseráveis que tanto incômodo causavam nas ruas, Jonathan Swift (1667 – 1745)²⁷, escreve “*A Modest Proposal*” (1729), na qual sugere que sirvam de alimento e suas carcaças de couro para utensílios das famílias mais abastadas²⁸. O humor macabro – nem tão engraçado assim – é incrivelmente impactante por sua atualidade, esmacha caricaturalmente o sentimento de aborrecimento e crueldade da sociedade da época em relação aos pedintes e moradores de rua nas grandes cidades. Já naqueles tempos, estas pessoas eram tão intensamente menosprezadas como “perdedores” por uma sociedade capitalista, que o autor idealizou satiricamente a figura de uma “pecuária humana” como sua solução. Traz à tona o pensamento eurocêntrico da época. Fala de crianças irlandesas que eram brancas, mas poderia muito bem tratar de crianças indígenas ou outras vindas da África presentes nas sociedades latino-americanas da época. E esta divisão na sociedade ocorria na Irlanda, que durante a dominação inglesa foi dos países mais pobres da Europa, sendo duramente desprezado por isto. Muito provavelmente a observação diária da miséria tenha ajudado Swift a produzir esta pioneira alegoria distópica. Como sujeito crítico à Modernidade, ele não era uma célula tão fechada assim. Via e sentia diferente de sua sociedade. Transcendeu o pensamento moderno.

23

Mas, não é correto dizer que a contemplação da cidade desde um certo ponto de vista, revelará apenas uma certa forma e oferecerá um único perfil. Absolutamente não. O ponto de vista em Leibniz não é mais rigidamente imóvel como era na perspectiva cônica renascentista. Dele agora depende o movimento da cabeça, dos olhos e até do deslocamento do corpo. O ponto de vista leibniziano é o que faz compreender a passagem de uma forma à outra, o conjunto de transformações, compila vários perfis. O ponto de vista é o que faz surgir o conjunto de transformações, ou seja, a passagem de um perfil da cidade a outro. Num ponto de vista obteríamos a possibilidade de confrontar vários perfis e melhor compreender a forma da cidade (Id., *ibid.*).

24 Que Deleuze relaciona com imagens *raster*, compostas por pixels no campo da informática. Assim, as imagens do tabuleiro seriam como as imagens digitais. A imagem leibniziana era, já no século XVII e no entender de Deleuze, comparável à digital. Lembrando que a primeira imagem raster somente foi produzida em 1959 nos EUA pelo SEAC, um computador imenso do tamanho de uma sala.

25 LATOUR, 1994.

26 É muito famosa a descrição da Londres vitoriana feita por Friedrich Engels (1820-1895) e Karl Marx (1818-1883), berço da revolução industrial, de população dramaticamente pauperizada entre as décadas de 1840 a 1890. Um dos livros mais conhecidos de Engels, “*The Condition of the Working Class in England*” é dirigido a esta temática e foi publicado pela primeira vez em 1845. Inicialmente escrito em alemão e destinado ao público alemão: *Die Lage der Arbeitenden Klasse in England*. A obra somente foi publicada em inglês em 1887 (Nova York) e 1891 (Londres). ENGELS, 2010.

27 O mesmo autor de *Gulliver's Travels* (1726).

28 SWIFT, 2019 e NUNES, 2019.

29 Angola, Botsuana, Namíbia, Zâmbia e África do Sul (PENA, 2020b).

MOVIMENTOS SOCIAIS E UMA ARQUITETURA ÉTICA PARA A VIDA

30 Argélia, Chade, Egito, Líbia, Mali, Marrocos, Mauritânia, Níger, Tunísia e Sudão. Estende-se ainda pela Etiópia, por Djibuti e pela Somália, onde recebe denominações locais (CERQUEIRA E FRANCISCO, 2020).

31 A Circulação de Hadley ou Célula de Hadley é um modelo de circulação fechada da atmosfera terrestre predominante nas latitudes equatoriais e tropicais. Esta circulação está intimamente relacionada aos ventos alísios, às zonas tropicais úmidas, desertos subtropicais e correntes de jato. Há três células de circulação primárias, conhecidas como célula de Hadley, célula de Ferrel e célula Polar (PENA, 2020a).

32 NOBRE, 2017.

33 Equipe comandada pelo Engenheiro Agrônomo Antônio Donato Nobre. NOBRE, 2014.

Três séculos depois da postura crítica de Swift, precisamos continuar a dar sequência a esta superação da conduta e do pensamento modernos. Porque a Modernidade equivocada nos trouxe ao lugar em que nos encontramos, a grande crise pandêmica global do coronavírus. Como resultado da agressão à natureza, a comunidades humanas, a espécies vegetais e animais em nome de uma única coisa, a acumulação egoísta de riquezas. Mas não é suficiente que continuemos somente restritos à fala e à crítica. A história nos impele ao engajamento em ativismos políticos de defesa de tudo isto. É necessário que efetivamente mudemos o estado moderno das coisas. Se não o fizermos parece se avizinhar como certo o nosso fim.

Voltando à Dussel, o ser humano, diferente dos outros animais, não atua simplesmente por instintos. Na estepe africana, se os leões comem zebras demais, acontece a redução da população de zebras. Diminuindo a quantidade de zebras, os leões ficam sem o que comer e em decorrência acontece também a limitação de seu contingente. Com o decréscimo do número de leões, as zebras conseguem se reproduzir melhor e voltam a existir em abundância. Estas são leis da natureza que regulam as populações de animais mediante padrões instintivos.

A vegetação e o clima também obedecem a leis naturais. As latitudes médias do planeta (por volta de 30º) constituem faixas em que se encontram alinhados todos os desertos existentes. No hemisfério sul acontece o alinhamento entre três regiões desérticas, a do deserto de Kalahari que se expande sobre cinco países africanos²⁹, a do deserto de Atacama do Chile e a dos desertos da Austrália. No hemisfério norte existe o alinhamento entre outras duas regiões desérticas, a do também africano Saara, que abrange regiões de mais de dez países³⁰ e a do deserto de Sonora, que cobre áreas dos Estados Unidos e do México. Estes enfileiramentos são regulados pela natureza do globo terrestre, por uma circulação de ar denominada Hadley³¹, em que os ventos sobem e perdem umidade nas regiões equatoriais, razão pela qual se localizam aí também alinhadas as florestas da Terra, e progridem secos para as latitudes médias, quando descem e roubam umidade nestas regiões, por isto fazendo que resultem áridas.

Mas, na América do Sul existe o chamado “quadrilátero afortunado”, cujos vértices são Cuiabá e São Paulo no Brasil e Buenos Aires e

Mendoza na Argentina, uma grande área que deveria ser desértica e que, no entanto, chove a cântaros. Esta grande região envolve há muito tempo um mistério para os estudiosos. O que existe de diferente aqui na América do Sul que faz com que esta que deveria ser uma região extremamente seca e sem vida, seja ao contrário um território farta e naturalmente irrigado? Tal área reúne com suas condições de produção 70% do PIB da América do Sul. Aí nesta zona se encontram reunidas as grandes hidrelétricas, as maiores e melhores extensões agrícolas, muitas indústrias e muitos grandes centros urbanos. Envolve áreas do Brasil, da Bolívia, do Paraguai, da Argentina e do Uruguai. No Brasil, as partes das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul³².

A resposta para a pergunta é: a Floresta Amazônica. Desde 2014 uma equipe de pesquisadores do INPE sabe disto³³. A responsável pela farta irrigação do quadrilátero afortunado na América do Sul é a imensidão verde da maior floresta tropical que restou no mundo, com a sua inacreditável diversidade de plantas e animais. Isto acontece porque a Floresta Amazônica funciona como uma gigantesca máquina que altera o rumo dos ventos e recalca a água da atmosfera sobre o Atlântico para fluir pela América do Sul. A floresta sozinha manipula o clima e faz com que uma área que se encontra a mais de 3 mil quilômetros do oceano receba esta umidade do oceano. Tal floresta, coloca na atmosfera uma transpiração de 20 bilhões de toneladas de água (20 trilhões de litros) num único dia. Para se ter uma ideia da dimensão disto, o Rio Amazonas que despeja no Oceano 20% de toda a água doce produzida no planeta, chega somente a 17 bilhões de litros diários. Ou seja, a floresta Amazônica além de produzir a própria chuva, faz acontecer inacreditáveis “rios voadores”, como foram denominados pelo INPE, que explicam e irrigam toda aquela região que deveria ser desértica. Estivemos acostumados a leis da natureza que regulam a vida, entre plantas, com animais, com insetos etc. A partir desta descoberta do INPE estamos falando de uma lei e de uma evolução natural que envolve a vida de animais, plantas, a floresta e a atmosfera.

Assim resulta óbvio que a falta desta floresta seria catastrófica para nossa já realidade presente de racionamentos de água nas grandes cidades. No dizer de Donato Nobre, essa mata pode ser comparada com uma imensa usina de serviços ambientais e ao maior parque tecnológico que nosso planeta já conheceu. E as políticas decorrentes dos agenciamentos modernos estão destruindo a Floresta Amazônica. Em 2103, o ano anterior ao relatório do INPE, a porção brasileira da Amazônia já havia perdido o equivalente a três Estados de São Paulo, 763 mil quilômetros

quadrados (km²) de sua área original. Com o atual governo federal, no atual Brasil de perseguições e criminalização de movimentos sociais e do beneficiamento de empresários, a situação piora muito.

Para Dussel, no lugar do instinto dos animais, nós instituímos éticas. A ética ocupa o lugar que o instinto deixa livre. E na elaboração de uma ética adequada, o ser humano deve compreender que é o único capacitado a destruir a natureza, e que não pode fazer isto porque depende dela, vive nela, se originou dela. O mal, todo o mal que conhecemos e podemos fazer acontecer é decorrente de um mau arranjo ético. A ética da Modernidade capitalista, colonialista e racista é muito primitiva. Precisa ser ultrapassada, superada. Os movimentos sociais estão demandando isto. Chega! Chega de matar! Eu não posso respirar! Queremos a Abya Yala! Faz-se necessária uma revolução ética que nos descole, nos retire desta Modernidade assassina e nefasta.

E no campo da liberdade, onde o instinto já não funciona, qual é a ética que nos interessa? Qual é o princípio e o fim da ética?

É uma ética da afirmação da vida em comunidade. Uma ética como finalidade. Nunca uma ética dos valores, o que seria uma ética de meios. Todos juntos, irmanados, sem exclusões. A vida das pessoas, dos animais e da natureza demanda a urgência de que lutemos com todas as nossas forças pela simplicidade de uma ética da vida em comunidade.

Diversas religiões e vários filósofos clássicos da esquerda (Marx, Engels, Kautsky) consideraram a importância capital do cumprimento de quatro necessidades humanas básicas, comer, beber, proteger o corpo do frio (vestir) e ter um dispositivo (abrigo, veículo ou morada) como proteção contra os fenômenos naturais (sol, chuva, vento...). E é por isso que interessam tanto os miseráveis, aqueles a quem falta alguns ou todos estes itens.

Aí que entra a arquitetura. A arquitetura como uma forma, um campo de conhecimento que auxilie a ética da vida. O princípio de racionalidade que parece muito singelo, mas que é, segundo Dussel, completamente transgressor da Modernidade. Porque revoluciona, deixa para trás a ética capitalista vigente da taxa de lucro e, em sua etapa final e decadente, da meritocracia competitiva do neoliberalismo.

A tão proclamada liberdade no neoliberalismo só pode ser entendida como uma irônica e muito triste “liberdade de espírito”. Não pode haver liberdade se para muitos há fome, falta d’água, falta de vestimentas, falta de casas. Portanto, se pode dizer que a “liberdade de espírito” do neoliberalismo dá lugar a uma verdadeira “metafísica da

competitividade”, estudada e aprofundada pelos novíssimos empreendedores e articulados *coachs* e/ou *ceos* (*chief executive officer*) que se multiplicam por todos os lados. O pensamento neoliberal da competitividade reforça a exclusão, exige a exclusão, porque devem existir vencedores e vencidos. Quem vence, vence outros que são derrotados. Para este pensamento infeliz, os miseráveis são perdedores. Tal visão aponta para a incompatibilidade total entre a gestão neoliberal e a possibilidade de democratização das populações e comunidades nacionais. E quando pensamos no terceiro mundo ou no quarto mundo, quando se fala em bilhões de pessoas vivendo como o lixo da história, esta ideia de democratização se torna ridícula.

Assim, num cenário de apogeu da competitividade, onde uma maioria não tem garantidos seus itens básicos para a sobrevivência, o neoliberalismo prega o fim do estado, e sua substituição pelo reinado do mercado e do consumidor (o substituto comercial neoliberal do que se entende por “cidadão”).

É tudo isto que precisamos mudar. “Chega”, gritam os movimentos populares. Precisamos de uma revolução ética. Mas, quais políticas serão necessárias para efetivar esta ética? Precisaremos fazer terra arrasada? No que tange à arquitetura, precisaremos repensar tudo do zero? Esta seria uma estratégia muito inadequada. No mínimo, agrediríamos violentamente a natureza. E o que pode ser feito?

Podemos começar por trabalhar em nós a perda do medo. O medo que é extremamente nocivo na Modernidade. Que foi e é corrosivo na sociedade moderna e que precisamos superar. Devemos deixar para trás o medo e apostar numa sociedade da inclusão, do acolhimento do outro, de todos os outros. Mas, como podemos efetivamente fazer isto?

Pensemos, quem são as já existentes vanguardas ativas desta mudança em nossa sociedade atual? Quem tem já há algumas décadas apostado na transgressão, na superação do modelo da Modernidade, capitalista e neoliberal? Os movimentos sociais que lutam por terras e moradias. No Brasil, existem os exemplos do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto), avançadas organizações, descoladas do pensamento acadêmico reacionário, que têm sofrido ao longo dos anos a agressão cotidiana de ações judiciais, de legislações e mentalidades contrárias a seus objetivos fundamentais em defesa da vida em comunidade e da natureza do planeta. Estes movimentos promovem importantes ocupações, nos indicam os lugares aos quais

34 devemos dispensar atenção. São situações nas
quais como cidadãos e como arquitetos devemos
ajudá-los e não truculentamente os expulsar
com a ajuda da polícia. Esta deve ser uma real
e fundamental política para a arquitetura e o
urbanismo de nossa sociedade contemporânea.
Apoiar com nosso conhecimento técnico e teórico
as ocupações que ocorrem nas cidades e fazer delas
o princípio de uma nova vida em comunidade, com
a devida atenção à natureza.

35
D'ÁVILA, 2017.

No artigo 5º da Constituição Federal do Brasil, é
garantido o direito de propriedade e a função social
da propriedade. No artigo 182 é facultado aos
poderes municipais a exigência de que propriedades
em solo urbano promovam seu aproveitamento
sob pena de serem desapropriadas. Entretanto,
diante da estarrecedora desigualdade social e do
absurdo déficit habitacional existentes, a maioria
dos direitos sociais não saíram do papel. Nem é
preciso dizer que a história da propriedade do solo
no Brasil revela forte relação com privilégios. “Num
país de 850 milhões de hectares temos um déficit
habitacional de quase 6 milhões de famílias³⁴ E
apenas seis brasileiros, considerados os mais
ricos, concentram juntos a mesma riqueza que 100
milhões mais pobres do país, quase metade da
população³⁵.”

36

NASCIMENTO, 2016, p.
146. Leonardo Péricles
é coordenador do
Movimento de Luta nos
Bairros, Vilas e Favelas
(MLB/MG) e morador da
Ocupação Eliana Silva.

No atual cenário de disputas sociopolíticas do
Brasil, o Estado, através de seus poderes instituídos
(executivo, legislativo e judiciário), configura-se
como principal mantenedor dos ricos e poderosos.
O Estado é o principal difusor do medo. Esses
protegidos grandes proprietários de terra e
especuladores imobiliários mantêm, na maioria
das vezes, seus lotes improdutivos, desocupados
e sem função social, recorrentemente com altos
débitos em impostos e juros não pagos durante
anos. Em tal situação, inadvertidamente, mídias
e instituições falseiam o debate e criminalizam
justamente quem busca a justiça social prevista na
constituição.

A assustadora ausência de justiça social e de
cumprimento da constituição precipita, como
reação prática de comunidades empobrecidas,
ocupações de terras, terrenos e moradias. Muitas
dessas pessoas possuem renda familiar inferior a
três salários-mínimos, o que as impede inclusive
de participar de programas governamentais de
moradia social. As ocupações integram o universo
da alteridade na realidade social das cidades
brasileiras. Não são invisíveis, apresentam-se
intensamente aos olhos de todos como a política
habitacional mais efetiva no Brasil de nossos dias.
São necessárias até que a reforma urbana acenada
desde a década de 1960 aconteça, e passe a dar
atenção aos 99% que constroem as cidades e não
às minorias ricas. Numa ética da vida, as ocupações
são para a arquitetura “(...) partes componentes do

embrião que gerará o novo.” (Leonardo Péricles).³⁶
A realidade das ocupações é tal que a ilegalidade
urbana não pode mais ser considerada exceção,
mas sim regra.

Para isto a estratégia pedagógica arquitetônica
não pode continuar sendo a mesma, precisa
mudar. Uma opção é torná-la freireana, dialógica.
É necessário abandonar a pedagogia tradicional
que formata e deslumbra os jovens arquitetos
para serem verdadeiros *pop-stars*, responsáveis
pela autoria de dispendiosas, monumentais
e antiecológicas obras icônicas a feição das
referências transnacionais da Modernidade. Uma
pedagogia arquitetônica que pressuponha um
encontro entre pessoas, entre os arquitetos e
as comunidades que viverão nos espaços. Uma
confluência entre o saber acadêmico e o saber
popular que produza esta pretendida arquitetura
ética para a vida. A cidade narrada pelo outro não
é não é considerada pela maioria dos arquitetos.
Muito embora dois terços de nossas cidades
sejam autoconstruídas irregularmente. É muito
necessário que estes procedimentos e práticas que
já existem sejam efetivados. Devemos abdicar de
narrativas prescritivas e buscar o diálogo para que
possamos aprender. Esta é a valiosa contribuição
de Paulo Freire.

Procuramos mostrar aqui que a cidade moderna
é o cenário da exclusão e do medo desde que
emergiu nos séculos XVI e XVII, tão bem discernida
no modelo de percepção da cidade pelo homem
classicista renascentista tardio e barroco
produzido por Leibniz mediante a leitura de
Deleuze. O processo de organização do trabalho
cooperativo no mutirão das ocupações pode
ser o ensaio para a elaboração de novas formas
de organização social para além da ocupação,
necessárias em nosso aprendizado para uma ética
da vida em comunidade. Situações que possamos
aprender cotidianamente, arquitetos, professores
e estudantes de arquitetura, juntamente com o
pensamento do “outro”, este pensar diferente,
representativo de uma conjugação de interesses
completamente estranha a nós, aplicados
nas ocupações. O canteiro da ocupação e sua
organização é verdadeiro laboratório experimental
de novas condições e produção de arquitetura a
partir da coletividade. As ocupações e os mutirões
que as constroem são verdadeiros processos
de resistência em contraposição às estratégias
hegemônicas de produção habitacional.

Os revolucionários ocupadores, estes novos
cidadãos, agentes de transformações devidas
nas cidades, vivendo em seus próprios lugares
degenerados, insistindo na decrepitude das
relações urbanas dos locais mais sujos e
maltratados estão a nos mostrar uma nova ética
passível de ser expandida para todas as pessoas.

Uma ética da “decolonialidade” para Aníbal Quijano, uma ética do acolhimento para Jacques Derrida, uma ética do outro para Emmanuel Levinas, uma ética da desopressão para Paulo Freire e uma ética da vida para Enrique Dussel. Todas convergindo para uma nova proposta pedagógica de arquitetura para as cidades. Que

transcenda o pensar moderno e capitalista de uma ética da taxa de lucro ou da taxa de produção e que torne possível a clara visualização da exclusividade vibrante e revolucionária das ocupações. Uma arquitetura para a sociedade *Abya Yala*.

BIBLIOGRAFIA

ALBÓ, Xavier. *La Bitácora de Xavier Albó*. 2006. Disponível em: <https://albo.pieb.com.bo/albo.htm> . Acesso em: 26/09/2020.

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Tradução de Ítalo Eugenio Mauro. Edição bilíngue. (3 vols.) São Paulo: Editora 34, 2019.

BARROS, Chico. *Maranhão. Cacique Jorginho Guajajara é assassinado em Arame*. Maranauta. Mídia alternativa. 15/08/2018. Disponível em: <https://maranauta.blogspot.com/2018/08/maranhao-cacique-jorginho-guajajara-e.html> . Acesso em: 30/09/2020.

BOCCACCIO, Giovanni. *O Decamerão*. Tradução Raul de Polillo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BUSH, Larry M; PEREZ, Maria T. *Peste e outras infecções por Yersinia. (morte negra; peste bubônica)*. 04/2018. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-pt/profissional/doen%C3%A7as-infecciosas/bacilos-gram-negativos/peste-e-outras-infec%C3%A7%C3%B5es-por-yersinia> . Acesso em 02/10/2020.

CERQUEIRA E FRANCISCO, Wagner de. *Deserto do Saara*. Brasil Escola. 2020. Disponível em: <https://brasilescuela.uol.com.br/geografia/deserto-saara.htm> . Acesso em: 04/10/2020.

D'ÁVILA, Mariana Zonta. *6 brasileiros têm a mesma riqueza que os 100 milhões mais pobres do país, diz Oxfam*. 25/09/2017. Disponível em: [https://www.infomoney.com.br/carreira/6-brasileiros-tem-a-mesma-riqueza-que-os-100-milhoes-mais-pobres-do-pais-diz-oxfam/#:~:text=S%C3%83O%20PAULO%20E2%80%93%20Seis%20brasileiros%20concentram,segunda%20feira%20\(25\)](https://www.infomoney.com.br/carreira/6-brasileiros-tem-a-mesma-riqueza-que-os-100-milhoes-mais-pobres-do-pais-diz-oxfam/#:~:text=S%C3%83O%20PAULO%20E2%80%93%20Seis%20brasileiros%20concentram,segunda%20feira%20(25)). Acesso em 02/03/2020.

DELEUZE, Gilles. *Gilles Deleuze sur Leibniz - Le point de vue. Cours sur Leibniz*. 1986. <https://amara.org/en/videos/tcEDFNi92leZ/info/gilles-deleuze-sur-leibniz-1986-le-point-de-vue/> . Acesso em 05/09/2020.

DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Campinas: Papyrus, 1991.

DOCUMENTÁRIO: A História do Racismo – BBC. 1º/02/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jtg9xH2kum8> . Acesso 22/02/2020.

DUSSEL, Enrique. [Entrevista] *La Pandemia con Enrique Dussel. Ética y política*. Cidade do México: 09/04/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ILuu3lYWFag> . Acesso em 02/08/2020.

ENGELS, Friedrich. *Condition of the Working Class in England*. Leipzig: 1845. 2010. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/download/pdf/condition-working-class-england.pdf> . Acesso em 02/03/2020.

FARIZA, Ignacio; MONTES, Rocío. *Impulsionada pelo Brasil, extrema pobreza na América Latina tem pior índice em dez anos*. El País. Cidade do México e Santiago do Chile. 16/01/2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/15/internacional/1547563856_964646.html#:~:text=Embora%20a%20taxa%20geral%20de,mais%20alta%20em%20uma%20d%C3%A9cada . Acesso em: 30/09/2020.

FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017a.

FEDERICI, Silvia. [Entrevista] *A caça às bruxas é uma história do presente, diz Silvia Federici em lançamento de livro em SP*. Entrevistador: Helô D'Angelo. São Paulo, 21/07/2017b. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/silvia-federici-caliba-e-a-bruxa/> . Acesso em 28/09/2020.

SWIFT, Jonathan. *A Modest Proposal: For Preventing the Children of Poor People in Ireland from Being a Burden to Their Parents or Country, and for Making Them Beneficial to the Public*. Dublin: S. Harding, 1729. The Project Gutenberg EBook of A Modest Proposal, by Jonathan Swift. 17/10/2019. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/1080/1080-h/1080-h.htm>. Acesso em: 01/03/2020.

The Nobel Peace Prize 2012. NobelPrize.org. 12/10/2012. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/peace/2012/summary/>. Acesso em: 04/10/2020.

União Europeia. Países. 01/10/2020. Disponível em: https://europa.eu/european-union/about-eu/countries_pt. Acesso em 03/10/2020.

VELASCO, Clara; GRANDIN, Felipe; CAESAR, Gabriela; REIS, Thiago. *Assassinatos de mulheres sobem no 1º semestre no Brasil, mas agressões e estupros caem; especialistas apontam subnotificação durante pandemia*. G1, Monitor da Violência. 16/09/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/assassinatos-de-mulheres-sobem-no-1o-semester-no-brasil-mas-agressoes-e-estupros-caem-especialistas-apontam-subnotificacao-durante-pandemia.ghtml>. Acesso em: 28/09/2020.

VAN ROMPUY, Herman; BARROSO, José Manuel Durão. *“From war to peace: a European tale”*. Address by Herman Van Rompuy, President of the European Council & José Manuel Durão Barroso, President of the European Commission. European Commission. 10/12/2012. Disponível em: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/SPEECH_12_930. Acesso em: 23/02/2020.

VIANA, RAQUEL DE MATTOS. *Déficit Habitacional no Brasil 2013: Resultados Preliminares*. Nota Técnica. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/consultaDetalheDocumento.php?iCodigoDocumento=76698>. Acesso em 01/03/2020.

